A Utopia de um Sonho

Outras publicações do autor

Série RMS Titanic: Livro Um – O navio dos sonhos
Série RMS Titanic: Livro Dois – A viagem dos sonhos
O diabo não quer (só) a sua alma

Fernando Arazão

RMS TITANIC

A Utopia de um Sonho

Livro Três

1ª Edição

2012

Copyright © 2012. Fernando Arazão

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 5988/73.
Nenhuma parte deste livro poderá ser reproduzida ou transmitida por quaisquer meios, sem prévia autorização do autor.

CIP – Brasil. Catalogação-na-fonte

Capa: Fernando Arazão

Impresso no Brasil.

Arazão, Fernando, 1986-
A3929r RMS Titanic: A utopia de um sonho /
Fernando Arazão. Blumenau. 358 pg., 2012.
(Livro três)

000000127082B0011EEE

1. Ficção brasileira. 2. Romance brasileiro. 3. Titanic – naufrágio. I – Título.

B869.35

Aqueles que têm o dom de entender o valor das coisas quando ainda as têm nas mãos

Todos os dados presentes neste romance relacionados ao *RMS Titanic* foram confirmados em, no mínimo, duas fontes diferentes.

Todos os que te conhecem entre os povos estão espantados de ti; chegastes a um fim horrível e não mais existirás.

Ezequiel 28:19

Capítulo Um

DOMINGO, 14 DE ABRIL DE 1912
RMS TITANIC
8H30MIN AM

Jack Phillips e seu auxiliar Harold Bride estavam concentrados em organizar as mensagens que ainda faltavam serem enviadas via telégrafo sem fio, acumuladas desde o dia anterior devido à quebra do aparelho. Papéis e mais papéis se espalhavam sobre a mesa de trabalhos dos dois jovens e a cada minuto a pilha parecia aumentar ainda mais.

- Pelo amor de Deus, será que acabaremos tudo isso antes do fim da atravessia? – Bride comentou alongando os braços para frente. – Esses telégrafos estão praticamente se reproduzindo!

- Seremos linchados pelos passageiros se não conseguirmos. – Jack deu uma risada. – Mas não há motivo para pânico, ainda temos quatro dias para isso.

- Isso se essa máquina fizer o favor de não quebrar de novo.

-Ei! Será que você pode calar essa boca agourenta? – Jack jogou uma bola de papel no companheiro. – Ainda tenho

horas de sono da noite passada para recuperar e não estou *nada* afim de repetir a dose tão cedo.

Bride ergueu as sobrancelhas e voltou a se concentrar nos papéis a sua frente.

As mensagens que estavam diante dele eram as mais diversas possíveis. Variavam desde "mamãe, estou com muita saudade!" até "não posso fazer mais nada por você, me deixe em paz" ou descrições para fechamentos de negócios de pequeno porte a animais favoritos para corrida de cavalo do final da tarde.

O *tic tac* interrupto do relógio na parede acabou nem mesmo sendo percebido pelos dois até que ele marcou nove horas.

- Que silêncio, não? – Jack disse sem levantar os olhos.

- Pois é. – Bride respondeu. – Os passageiros devem estar tão ocupados em se vestir para a missa que até se esqueceram da gente.

- Sorte nossa que teremos tempo de adiantar bem o serviço. Louvado seja! Tomara que essa missa demore muito.

– Pelo que sei o próprio Capitão irá conduzir o culto. E ele é o que pode chamar de bem conciso.

Jack revirou os olhos dramaticamente.

- Bride, meu amigo. Trabalhar com você às vezes é animador.

Ainda falando, Jack se levantou e assumiu seu lugar diante do telégrafo. Sua mão ainda estava a caminho da alavanca quando o aparelho começou a apitar sucessivamente. Eles estavam recebendo uma mensagem. Rapidamente, Jack alcançou lápis e papel e ficou atento para decifrar os *bips* em palavras, o que não demorou nada.

- *S. S. Caronia.* – Ele disse logo depois que o aparelho silenciou. – Parece que há gelo em 42ºN, de 41º a 51ºO, vistos no dia doze pela manhã.

- E nos avisam *só agora?* – Bride revirou os olhos. – Que urgência.

- Ainda assim temos que enviar isto para o Capitão Smith. – Jack terminou de escrever e estendeu o papel para Bride. – É o nosso trabalho.

Bride se levanta e pega o papel, saindo da Sala Marconi.

←→

Assim que Bride chegou à Ponte de Comando do *Titanic* ele logo avistou o Capitão Smith conversando com Bruce Ismay, que parecia extremamente irritado com alguma coisa. *Péssimo sinal* Bride pensou.

- Pense bem, Capitão. – Bruce dizia com as duas mãos pra frente de seu corpo, as pontas dos dedos unidas. – Seria a consagração da glória do *Titanic*, da *White Star Line!*

- Desculpe senhor Ismay, mas eu acho melhor não. – Smith respondeu antes de enxergar Bride, a expressão de seu rosto mostrou que ele estava rezando para que alguém aparecesse. – Pois não, senhor Bride?

- Acabamos de receber um aviso de gelo, senhor.

O Capitão Smith pegou o papel estendido e deu uma olhada significativa para Bruce Ismay antes de ler o que estava escrito.

- Obrigado. – Ele disse a Bride após um longo suspiro.

O auxiliar do telégrafo voltou para a Sala Marconi praticamente correndo, deixando o Capitão e Bruce para trás.

Bruce olhou para o papel nas mãos do Capitão como se fosse a coisa mais nojenta do Mundo e também se foi. Após

um suspiro cansado, Smith foi para perto do Primeiro-Oficial William Murdoch.

- Preciso falar com os Oficiais sobre a missa de logo mais, senhor Murdoch. – Ele disse. – Convoque-os imediatamente.

- Sim, senhor.

Murdoch saiu e o Capitão foi até a asa da Ponte, olhando para o horizonte longe, pensando que logo eles poderiam ver a terra firme de novo. Para ele, pela última vez como capitão de um navio.

Um filme passou rapidamente diante de seus olhos, um resumo desses quase quarenta anos de trabalho no mar. Rostos de amigos se intercalavam com imagens de alegria e tristeza quando a noticia de que muitos deles foram tragados pelo mesmo mar que lhes dava a vida, o ditado supremo que afirma que o *capitão deve afundar com seu navio*.

- Capitão?

A voz grave de Murdoch despertou Smith de suas lembranças e o Capitão encarou seu subordinado.

- Todos o aguardam na ponte, senhor.

Smith deu um sorriso simpático quase oculto em sua barba branca.

- Obrigado, senhor Murdoch. Eu já estou indo.

Murdoch levou a mão direita à testa em continência antes de sair, deixando Smith lançar uma última olhada para a imensidão azul iluminada pelo sol à frente do *Titanic* antes de seguir o Primeiro-Oficial.

Capítulo Dois

NOTTING HILL, LONDRES
INGLATERRA

Ashley acordou lentamente e estranhou o que viu. Não era o seu quarto. Um movimento rápido a deixou de pé, na mesma velocidade em que todos os fatos ocorridos na noite anterior invadiam sua consciência. Ela voltou a sentar na cama e afundou a cabeça entre as mãos. Queria chorar, mas todas as suas lágrimas haviam se esgotado na noite anterior. Seu passado havia voltado para assombrá-la e não havia mais para onde fugir. Nem Hamilton poderia mais protegê-la.

Hamilton.

Ela se levantou da cama novamente e olhou ao redor. O quarto que ele insistiu em que ela dormisse, indo ele mesmo dormir no de Camille. Nunca em toda sua vida Ashley havia conhecido um homem como aquele e ela sabia que jamais conheceria outro.

Um anjo. Foi tudo o que sua mente pôde pensar. Não havia como negar, aquele homem não poderia ser humano. Nunca um ser humano teria toda aquela bondade com uma pessoa que além de desconhecida, era uma grande mentirosa...

Ashley se encarou no espelho do banheiro e viu o quanto estava horrível. Olheiras profundas contornavam seus olhos, sua pele estava pálida, seu cabelo desgrenhado. Há dias que não dormia ou se alimentava direito. Ela era uma sombra do que fora no passado.

As lembranças da noite anterior ainda ardiam como brasas em sua mente. A chegada de uma nova ameaça a deixava apavorada. Era como se aquela letra estivesse gravada em sua retina: *está chegando a hora*.

A forma como Hamilton a recebeu a fez se sentir um pouco mais tranqüila. Não havia perigo ali. Pelo menos não por enquanto. Mas tudo o que ela mais queria na vida não aconteceu. Sua promessa de nunca tocar no passado havia sido quebrada. Mas ela jamais poderia imaginar que seria tão aliviante poder despejar seu fardo.

←→

Hamilton encarava Ashley enquanto ela bebia um copo de água com açúcar como se sua vida dependesse dele para continuar. Ele não se lembrava de ter visto a vizinha naquele estado antes e sabia que o que quer que houvesse acontecido era muito sério.

Quando o copo secou, Ashley o colocou em seu colo e ficou olhando para ele, mergulhada num silêncio que só era quebrado pela respiração dos dois. Até Camille estava quieta, como se todos os sons do ambiente houvessem sido sugados.

Após muito tempo, os olhos dela pareciam ter voltado à vida e ela o encarou.

- Hamilton, eu quero dizer obrigada a você.

- Ashley, você não...

- Por favor. – As palavras pareciam lutar para sair da garganta dela. – Eu preciso fazer isso. Não posso mais aguentar isso, não posso mais. Tudo o que eu sempre pedi era que eu tivesse sorte de encontrar alguém bacana com quem eu pudesse contar e felizmente Deus colocou você no meu

caminho, Hamilton, e eu vou ser eternamente grata por isso. Eu jamais conseguiria sozinha.

Ashley bebeu no copo vazio.

- Quando nos conhecemos eu falei que tinha vindo de Nova York e é claro que você logo em seguida descobriu que era mentira. Teria todo o direito de ter me virado as costas ali mesmo, mas não. Agora é hora de contar a verdade. *Toda* a verdade.

Hamilton a encarou. Não tinha certeza se queria ouvir toda a verdade.

- Quando cheguei a Londres eu vim fugida de Amsterdã. Eu trabalhava para um homem chamado Ramon. Ele tinha uma casa lá e eu era uma de suas meninas. – Ashley continuava a encarar o copo vazio. – Não era o que eu queria fazer com a minha vida, mas infelizmente eu não tinha outra opção. Eu estava muito iludida, o Ramon me prometia tanta coisa... Ele dizia que me amava, que eu estava fazendo aquilo por pouco tempo e que logo nós iríamos morar na América. – Lágrimas escorriam pelo rosto de Ashley como rios. – Eu era tão tola, tão *estúpida!* Até que eu o ouvi conversando com uma das meninas que eu era a mais lucrativa de todas as meninas dele e que ficaria ali até não servir mais, logo depois ele iria me jogar na rua como um trapo velho. Foi quando eu acordei e vi o que estava fazendo com a minha vida. Corri pro meu quarto, peguei poucas coisas e todas as jóias que consegui sem que ninguém percebesse e fugi.

"Embarquei para cá sem saber o que ia fazer da vida e acabei resolvendo vir morar em Londres como se fosse uma imigrante americana.

"Mas eu não sei como o Ramon me descobriu. Ele me mandou duas cartas me ameaçando. Eu não sei mais o que vou

fazer, Hamilton, ele vai me matar! Ele sabe que eu posso entregar ele a polícia e não vai ter dó de me calar.

Ashley se jogou nos braços de Hamilton que a abraçou forte enquanto ela desmoronava em lágrimas. Não demorou muito para ele sentir sua camisa encharcando lentamente.

- Estou com tanto medo... – Ashley desabafou, soluçando.

- Não precisa ter medo, Ashley. Eu estou aqui com você, não estou? Prometo que não vou deixar nada acontecer com você. – Hamilton segurou o rosto de Ashley para que ela olhasse para ele. – Tem a minha palavra de que ele não vai pôr as mãos imundas em você. Eu prometo, está bem?

Ashley não conseguiu responder. O choro voltou a tomar conta dela, mas dessa vez o desespero dividia lugar um a alegria de ter encontrado alguém que não a julgaria pelo seu passado, por mais obscuro que ele fosse.

←→

Com seu reflexo ainda a encarando no espelho, Ashley tirou a roupa e tomou um banho, deixando que a água levasse toda a sua angústia. Ela sabia que só havia um jeito de acabar com seu problema sem botar ninguém em perigo e era exatamente o que ela faria: se mudar. Sem rastros, sem pistas, para um local qualquer que nem mesmo ela sabia ainda qual seria.

Muitos nomes de lugares surgiram, mas logo foram descartados. Não por não parecerem adequados a sua condição de fugitiva, mas por ela não querer pensar nisso agora.

Aquele domingo teria que ser um dia tranqüilo. Depois de tudo o que havia acontecido, Hamilton merecia mais algumas respostas e ela iria fazer o que fosse possível para

agradecer por tudo o que ele fez por ela. Só havia uma coisa no Mundo que ela sabia que poderia quitar sua dívida de gratidão com aquele homem: trazer para ele de volta o grande amor da sua vida. Ela só não sabia como fazer isso, nem mesmo que conseguiria antes do amanhecer do dia seguinte.

←→

Na cozinha, Hamilton preparava o café-da-manhã da melhor forma possível. Ele não havia conseguido dormir direito a noite inteira e imaginava que Ashley também não teve a mais agradável das noites. Quando ela entrou na cozinha, ele percebeu que ela estava um pouco menos carregada.

- Oi, Ashley. - Ele sorriu. – Como se sente?

- Bem, obrigada, Hamilton. – Ela devolveu o sorriso. – Eu sinto como se tivesse tirado todo o universo de cima de meus ombros. Jamais poderei pagar pelo que você fez por mim.

- Ashley, você nem mesmo deve pensar uma coisa dessas! Eu só fiz o que qualquer um faria...

- Não, Hamilton. Poucas pessoas fariam o que você fez por mim. Eu vou ser eternamente grata.

Hamilton sentiu seu rosto esquentar enquanto suas bochechas ficavam rosadas.

- Vamos parar com isso. Ande rápido que o café está quente.

Ashley pegou uma xícara do armário e encheu. No caminho de volta para a mesa, a xícara se espatifou no chão, espalhando cacos por todo lado e tingindo o chão da cozinha de preto.

O olhar vidrado de Ashley para a janela já dava uma dica do que havia acontecido e quando Hamilton olhou, o nome

que escapou da boca entreaberta dela confirmou suas suspeitas.

- Ramon!

Hamilton olhou para a figura parada do outro lado da rua, lendo um jornal despreocupadamente. Alto e magro, bigodes fininhos, Hamilton o reconheceu imediatamente. O mesmo que havia estado na livraria outro dia e a quem Hamilton havia dito da mudança de Ashley.

- Ele não vai achar você aqui. – Hamilton disse.

Ashley olhou com medo. Ela tinha suas dúvidas com relação a isso.

Capítulo Três

RMS TITANIC
CONVÉS A
10H30MIN AM

Caroline se olhava no espelho e se viu outra pessoa. Esse seria o dia da estréia do mais lindo vestido que Florence e ela haviam comprado durante os dias que antecederam a viagem. A vendedora havia dito que havia sido importado da França e havia custado o equivalente a quase um ano do faturamento da *Casa dos Livros*.

A lembrança do pequeno negócio do marido não causou dor a Caroline dessa vez. Hamilton surgiu em sua mente sorrindo, uma doce lembrança que ela não lutava mais para afastar. A última noite havia sido decisiva na vida dela e ela havia se dado conta de que dinheiro não pode se comparar ao amor verdadeiro, que tudo aquilo que ela tanto havia dado valor havia se transformado na mais pura futilidade.

Outra lembrança invadiu a mente dela: *Futilidade*, o livro que havia sido o ponto de início da história deles.

Ela riu consigo mesma. Ali estava ela navegando para a América na primeira classe de um navio que o Mundo inteiro nunca pensou que pudesse existir se dando conta exatamente de toda a mensagem central do livro. Não. Dinheiro, luxo, fama e beleza não eram as coisas mais importantes da vida.

Caroline voltou a se olhar no vestido deslumbrante. Sua vida começava agora outra vez e ela lutaria para reconquistar tudo o que havia jogado fora. Seu marido, sua casa, sua filha...

Era tão estúpido agora pensar que ela havia trocado a sua vida em Londres para ser um objeto de exposição de um homem em troca de suas migalhas.

Mas não mais, Caroline. Agora você acordou.

Enquanto se perfumava Caroline pensou em seus pais e na aventura que fora para eles saírem da Irlanda apenas para resgatá-la de seu delírio. Ainda bem que eles estavam ali. A amizade de Margaret e de George havia sido o maior presente que ela poderia ter recebido, apesar do que ele havia feito com ela. Sem todas essas pessoas dificilmente Caroline conseguiria resistir tudo o que havia acontecido desde que a viagem começara.

Batidas na porta do quarto fez o coração de Caroline dar um pulo no peito.

Não, não, por favor, não!

Ela largou o vidro de perfume sobre sua penteadeira e deu uma última olhada no espelho.

- Calma, Caroline. Se for o Victor, apenas bata a porta na cara dele. Ele não danificaria um navio do cunhado dele. Não, ele não faria isso.

Respirando fundo para tomar coragem, Caroline deixou o quarto e foi até a sala de estar da suíte.

Quando ela abriu a porta quase se esqueceu de respirar.

- George! – Ela conseguiu dizer.

O jornalista olhou para ela sério.

- George, se você veio até aqui para discutir, eu...

– Caroline, eu vim lhe pedir desculpas. – George falou. – Maggie me procurou esta manhã e me contou que o Victor havia falado aquelas coisas para me afastar de você por estar com ciúmes e eu não entendo como pude acreditar nele. Era a coisa mais óbvia do Mundo!

Caroline encarou George surpresa.

- George, você me disse coisas horríveis.

- Eu sei. – George baixou os olhos. – E não imagina o quanto me arrepende de cada palavra que eu disse. Eu vim lhe pedir desculpa, mas entendo se você as recusar.

– George, - Caroline abriu um largo sorriso. – Nem que eu quisesse poderia ficar com raiva de você. Você é uma das pessoas que mais me ajudou aqui dentro.

O rosto de George se iluminou.

- Caroline. Não sabe como isso me deixa feliz.

Caroline agarrou o braço de George e o puxou para dentro da cabine.

- Preciso falar com você, entre logo.

- Tive que me segurar para não ir até lá e dar um belo soco na cara daquele seu noivo ordinário.

- Ele não é mais meu noivo, George. Depois de tudo isso, tomei coragem e terminei tudo com o Victor. Definitivamente.

- Bom, novidade nenhuma.

Caroline ficou séria.

- Eu o vi na sala de fumar, jogando *poker* com o cunhado e mais alguns homens da alta. A cara dele não era das melhores e eu não acho que ele se importaria em perder dinheiro.

- Eu só espero que não seja tarde demais para conseguir recuperar a minha vida.

- Caroline, nunca é tarde demais para nada. A vida sorriu pra você e isso pode não acontecer de novo. Não pare pra pensar no passado, apenas siga em frente.

- Obrigada, George. Eu quero que você saiba que eu jamais vou conseguir esquecer você e o que está fazendo por mim, nem que se passem mil anos.

- Se você me prometer que vai me convidar para jantar em sua casa londrina uma noite eu já posso considerar a dívida paga.

- Pois então se sinta intimado, meu amigo. – Caroline abriu um largo sorriso. – Obrigada.

- Então está bem, chega desse lero-lero e vamos para a missa que já estamos atrasados.

- Não sabia que você era tão religioso.

- Não sou. – George respondeu levantando uma sobrancelha. – Pra falar a verdade eu sequer acredito em Deus, mas isso é segredo. – Ele sussurrou a última parte como se alguém pudesse ouvi-los. – Mas acredite, essa missa é na verdade mais uma das reuniões para mostrar ao pessoal dos conveses inferiores o luxo que elas nunca mais irão ver na vida delas.

- Fico feliz que a missa seja aberta a todos os passageiros, assim será mais fácil trazer meus pais para cá depois dela.

- Maggie me contou que eles irão passar o dia conosco.

- Eu preciso deles perto de mim mais do que nunca.

- E por que eles não ficam para jantar conosco? Seria um prazer.

- Seria maravilhoso! George, você parece uma miragem, sabia?

George riu com gosto.

- Vamos? – Ele disse, estendendo o braço para Caroline, que olhou para ele.

- Eles vão falar horrores se eu for de braços dados com você.

- Hum, e você se importaria com o que eles dizem?

Caroline abriu um largo sorriso antes de dar o braço para George e deixarem a cabine.

←→

Caroline e George entraram no salão de jantar da primeira classe e se colocaram no fundo. O capitão Smith quase não podia ser visto dali, mas nenhum dos dois se importou.

Caroline logo começou a procurar pelos pais e não demorou muito a encontrá-los. Carola e Mateus foram em direção à filha e foram seguido pelos olhos de Victor, que observava tudo de uma das primeiras filas.

- Oi, mãe, pai. – Caroline deu um abraço nos dois cheio de saudades. – Eu quero que conheçam uma das pessoas mais maravilhosas que eu conheci aqui: George Goldwin.

- Muito prazer, meu rapaz. – Mateus estendeu a mão. - Caroline já nos falou muito do senhor.

- Aposto que esticou tantos os elogios que eles quase se arrebentaram, não foi?

Mateus riu alto e levou um cutucão de Carola.

- Essa é Carola, minha esposa.

George pegou a mão de Carola e a beijou com suavidade.

- Muito prazer, senhora. Vocês têm uma filha que é um presente.

- Ora, ora, ora! – A voz de Margaret fez Caroline se virar rápido para a amiga.

- Maggie, por favor, venha conhecer meus pais.

- Olá, queridos. – Margaret acenou antes de dar os tradicionais *três beijinhos* em Carola. - Bem vindos.

- Pai, mãe, essa é a senhora Brown, outra pessoa absolutamente maravilhosa que conheci.

- Eu ficaria feliz se vocês esquecerem o "senhora Brown" e me chamassem de Margaret. – Espero que nos acompanhem em um chá após a missa.

- Na verdade eu esperava convidá-los para jantar conosco. – George emendou. – E não aceitaremos qualquer desculpa.

- Senhor Goldwin, não podemos ficar andando pela primeira classe. Se formos pegos...

- Senhor Cownes, tenho certeza de que ninguém os reconhecerá. Basta um *smoking* e eles deixariam o senhor entrar até na Ponte de Comando.

- Acho que na Ponte nem assim, George. – Margaret disse, rindo

- É, tem toda razão, Maggie. Exagerei um pouco.

- Assim que a missa terminar eu cuido das roupas de vocês. George tem razão.

- Mas filha, com que dinheiro?

- Mãe, Victor me deu crédito ilimitado em uma das lojas do navio e eu duvido que ele tenha desfeito isso.

- Com licença. – Um homem bigodudo se aproximou. – Se vocês não se importam eu estou *tentando* ouvir a missa.

- Desculpe senhor. – George disse rápido. – Vamos nos comportar a partir de agora, não se preocupe.

O homem se retirou e Caroline segurou o riso.

Na frente, o Capitão Smith começava agora o hino *Eternal Father* e foi acompanhado pelos passageiros.

O único que não acompanhava a letra da música era Victor que não conseguia olhar para outro lugar além do fundo do salão, onde via Caroline, Margaret, George e os pais dela, todos se divertindo aparentemente.

Como aquele desgraçado ainda está falando com ela? O que deu errado?

- Algum problema, meu cunhado? – Bruce disse sem tirar os olhos do livrinho com a letra da música.

- Não, nenhum. – Victor respondeu.

- Então faça o favor de cantar!

Capítulo Quatro

Assim que o Capitão Smith deu o *amém* final, todos começaram a se retirar. A grande maioria dos homens foi rumo ao salão de fumar e as mulheres seguiram para suas cabines.

Caroline, George, Margaret, Mateus e Carola se misturaram a multidão que saía do salão e foram para o convés superior onde ficava a loja *Macy's* do casal Strauss.

No caminho eles se aproximaram de Benjamin Guggenhein, Madame Aubart e Robert, esses dois últimos olharam para George, sérios, o que fez o jornalista pedir licença e seguir sozinho na direção contrária.

- Aonde o George vai? – Caroline perguntou a ninguém em particular.

- Não faço a menor ideia. – Margaret respondeu. – Acho que a confusão com o Bem ainda está perturbando o pobrezinho. Eu vou lá falar com ele.

- Faça isso, Maggie. – Caroline disse. – Encontro vocês no almoço.

- Está bem. Foi um prazer conhecê-los, senhor e senhora Cownes.

- O prazer foi todo nosso, senhora Brown. – Mateus respondeu.

- Ficamos felizes de ver que nossa filha está cercada de gente como a senhora.

- Ora, uma pessoa como Caroline não merece nada diferente. Vejo vocês logo em seguida.

Margaret seguiu na direção de George deixando Caroline com seus pais.

- Nunca imaginei que o *Titanic* fosse assim tão luxuoso. – Disse Carola. – Nunca consegui imaginar tudo isso quando você o descrevia pra mim, Mateus. É absolutamente lindo.

- Minha querida, a vida é mesmo uma caixinha de surpresas.

- Por que, papai?

- Eu jamais imaginei que estaria nesse navio, minha filha e olhe só agora. Estou na primeira classe do navio que ajudei a erguer.

- Nós vamos andar por cada parte dele, papai. Apesar de achar que o senhor conhece cada centímetro daqui.

- Nem tudo, Caroline. Não ajudei nos acabamentos. Eu me lembro que quando se falava no estaleiro na equipe todos ficavam imaginando como seria estar aqui. Nunca tive esperanças de ser escolhido para o grupo de segurança. Por isso é tão surpreendente estar aqui.

Os três atingiram o convés A nesse instante.

- O que é o grupo de segurança? – Caroline perguntou.

- É um grupo de pessoas que trabalharam na construção do navio que viaja com ele para eventuais reparos e identificação de problemas na estrutura. Cada navio tem o seu em sua primeira viagem. O senhor Andrews é um dos chefes.

- Eu conheço o senhor Andrews. – Caroline disse. – Ele é uma pessoa maravilhosa! - Caroline pegou nas mãos dos pais. – Venham, vou mostrar a minha cabine para vocês.

Caroline abriu a porta da cabine com a rapidez de um raio e assim que seu pé entrou na sala ela se sentiu estranha. Por um instante era como se tudo a sua volta girasse em câmera lenta.

- Caroline! – Carola agarrou a filha bem a tempo antes que ela caísse no chão.

- O que houve, minha filha? – Mateus ajudou a esposa a levar Caroline no sofá mais próximo.

- Não sei. – Caroline respondeu, levando a mão à cabeça ainda zonza. – De repente tudo girou.

Carola encarou a filha como que estudando por um instante, seu olhar era alarmado.

Após algum tempo, Caroline se levantou com certa dificuldade.

- Venham. – Disse. - Vou mostrar o camarote pra vocês.

- Você está se sentindo bem, filha?

- Estou mãe. Foi só uma queda de pressão ou algo assim. Eu abri a porta muito rápido, me desequilibrei.

Carola não pareceu convencida, mas resolveu não insistir no assunto.

- E qualquer coisa, temos médicos bons aqui. – Caroline disse numa tentativa de tranquilizar a mãe. - Serei atendida imediatamente. Não precisa se preocupar.

- Seu camarote é magnífico. – Mateus disse olhando cada centímetro da sala de estar. – Esse navio inteiro é uma obra de arte.

- Nossa cabine perto disso aqui é uma dispensa.

- Há suítes maiores ainda no Convés B. O próprio senhor Ismay está em uma enorme. – Caroline disse. – Eu lamento que a minha não tenha uma vista direta para o mar.

- Minha filha, com certeza a vista do mar aqui não faz muita diferença quando se viaja de terceira classe.

- Essa viagem tem sido a viagem dos sonhos até agora. Tenho certeza que cada pessoa que está nesse navio não está sentindo nem um pouco de saudade da terra firme.

- Logo estaremos no mar novamente, Caroline. Assim que chegarmos a Nova York já vamos comprar nossas passagens de volta. E queremos que você venha conosco.

- Eu vou, papai. Tenho que recuperar tudo o que joguei fora em Londres.

- Fico feliz que tenha caído em si, Caroline. – Carola disse. – Hamilton sofreu muito com o que aconteceu e tenho certeza que ele deve estar desejando que você volte.

- Nada no Mundo pode mudar minha decisão, mãe. Eu juro que nada pode me separar do meu marido. Nunca mais. E agora vamos comprar as roupas pra vocês jantarem!

←→

Caroline entrou com seus pais na *Macy's* e logo reconheceu Margaret Brown.

- Maggie, fazendo compras também?

- Caroline. – Margaret abriu um sorriso assim que pôs os olhos na moça. – Bom, não é novidade que você viria aqui comprar roupas para seus pais, não é? E eu quero falar com você um minuto. É importante.

- Sobre o George?

- É.

- Certo. Só um minuto.

Uma atendente se aproximou do grupo.

- Posso ajudá-los?

- Sim, obrigada. - Caroline falou. – Eu preciso de um smoking completo para meu pai e um vestido de noite para a minha mãe, por favor.

- Sim, senhora.

- Maggie. – Caroline pegou a mão de Margaret e a levou para um canto da loja. – O que houve com o George?

- Caroline, a situação dele é *mais complicada* do que eu imaginei. – Margaret disse. – Eu acho melhor você esperar ele vir falar com você por que eu não me acho no direito de falar

o que ele me confidenciou, mas garanto que ele vai precisar muito de nós duas.

- Nossa, Maggie, é tão sério assim?

- É. – Margaret disse, antes de seus olhos irem direto para a porta da loja. – Ida!

Uma senhora elegante olhou para Margaret.

- Minha cara, como está? - Ida Strauss disse assim que se aproximou. – Fazendo compras?

- Sim, eu e a jovem Caroline estamos desfrutando os belíssimos artigos de sua loja.

- Eu espero que sim. E ainda mais hoje a noite em que o capitão jantará conosco.

- O Capitão Smith? – Caroline repetiu.

- Exato. – Ida respondeu. – Ele está em sua última viagem antes de se aposentar e será homenageado. E com uma viagem maravilhosa como essa tenho que admitir que ele merece.

- Concordo plenamente. – Margaret disse.

- Senhoras, se me dão licença, tenho que dar uma olhada em uns artigos. Mas espero encontrá-las no chá.

- Conte conosco. – Margaret respondeu rápido.

- Então até mais tarde.

Ida se foi e Carola se aproximou das suas.

- Meu Deus do céu, Caroline, olhe o preço desse vestido! É mais do que eu já vi seu pai ganhar em meses de trabalho.

- Mamãe, não se preocupe com isso. O importante é que você e o papai têm que estar elegantes esta noite.

Após alguns minutos, Carola e Mateus já estavam com suas escolhas embrulhadas.

- Tem certeza que vai fazer isso, Caroline? – Carola falou. – Não é correto.

- O Victor tirou muito mais de mim do que libras, mamãe. E ao contrário dele, eu posso não conseguir recuperar.

Caroline foi até o balcão.

- Ponha isso na conta de Victor Schieffelin, por favor.

- Sim senhora. – A atendente disse, registrando a compra e dando para Caroline assinar.

- É uma pena que cancelaram o treinamento que haveria com os botes salva-vidas esta manhã. – Caroline disse. – Se não poderíamos participar e nos divertir um pouco.

- E porque cancelaram? – Mateus perguntou.

- Não sei. Acho que por causa do frio. – Caroline respondeu. – Venha, vamos nos preparar para o almoço.

Capítulo Cinco

RMS TITANIC
CONVÉS DOS BOTES
SALA MARCONI
11H40MIN AM

- ...estamos muito bem. – Repetiu Jack enquanto Bride transcrevia o telegrama que eles estavam recebendo nesse momento. – Com amor, Hellen com dois *eles*.

Bride pegou o papel e o colocou em um envelope onde já havia escrito o nome do destinatário da mensagem: Thomas Andrews.

- O dia está lindo lá fora. – Bride comentou.

- Não sei, ainda não tive tempo de ir lá fora. – Jack respondeu. – O que sei é que está realmente muito frio aqui. Essa noite será absolutamente gelada.

- Pena que não temos neve aqui.

- Você quer gelo, Bride? – Jack riu. – Vou encomendar um *iceberg* pra você então.

- Não acho que seja necessário, meu amigo. – Bride ajeitou seus materiais de trabalho. – E a sua esposa?

- Enviei um telegrama para Eleanor hoje pela manhã enquanto você foi até a Ponte. Ela e Hellen estão bem. Eu morro de saudades das duas...

- É duro ficar sem a esposa e a filha, mas você não é o único, acredite.

- É, eu sei. – Jack respondeu. – Mas faz parte do meu trabalho, não é? Já estou acostumado. Então vamos trabalhar logo que temos muitas mensagens pra enviara inda.

O aparelho de telégrafo explodiu em *bips* de repente.

- Opa! – Jack falou. – Temos uma mensagem.

Os dois homens mergulharam no silêncio enquanto Jack escrevia rápido a mensagem.

- É do vapor holandês *Noordan.*

- O que eles disseram?

Jack olhou para Bride.

- Que o seu *iceberg* está a caminho.

Bride amassou um pedaço de papel e jogou em Jack, que ria sem parar.

- Para de brincar com coisa séria, Jack! O que eles disseram?

- *Muito gelo a frente* foi o que disseram. – Jack entregou o papel a Bride, que olhou a mensagem com atenção.

- É quase a mesma posição que o *Caronia* nos disse.

- Pois é.

- *Icebergs, icebergs,* só recebemos mensagens de *icebergs* hoje.

Bride dobrou o papel e o enfiou em seu bolso.

- Vou levar isso para a Ponte de Comando.

- Você vai é passear e fumar que eu sei! – Jack disse. – Daqui a pouco quem vai dar uma volta sou eu e você vai ficar aqui enviando essas mensagens, está me ouvindo?

Bride saiu rindo da Sala Marconi e por pouco não esbarra em Victor, que seguia apressado para em direção a popa do *Titanic.*

Assim que entrou na Ponte, os olhos de Bride percorreram a extensão do lugar, mas não viu nem sinal do Capitão Smith.

- Pois não, senhor Bride? – O Primeiro-Oficial Murdoch se aproximou.

- Estou procurando o Capitão Smith, senhor Murdoch.

- Ele está em sua inspeção diária do navio, acredito de deva demorar. Há algo que eu possa ajudar?

- Recebemos outra mensagem de gelo à frente. – Bride disse.

A expressão de Murdoch não manifestou qualquer reação.

- Normal nessa época do ano. – Disse. – Eu repasso a mensagem para o Capitão assim que ele chegar.

- Obrigado, senhor Murdoch. – Bride entregou o papel a Murdoch e se retirou.

Murdoch olha para o papel e dá um sorriso. *Gelo*. E o *Titanic* era de aço.

Distante no horizonte, os olhos de Murdoch avistaram um ponto branco flutuando sobre o oceano. A ponta de um *iceberg* emersa a quilômetros de distância do caminho do maior navio do Mundo. Aquele que nem mesmo Deus poderia afundar.

←→

Bride entrou na Sala Marconi com uma cara preocupada. Sentou-se em seu lugar e começou a batucar com a ponta do lápis.

- Eu ficaria muito agradecido se você parasse com esse barulho irritante, Bride. Estou tentando trabalhar.

- Desculpe, Jack. – Bride disse. – É que essas mensagens de gelo me deixaram preocupado por um momento.

- *Preocupado?* – Jack se virou para Bride. – Não pode estar falando sério.

- Por que não?

- Pelo amor de Deus, Bride. Você esqueceu em que navio está nesse momento? Gelo é normal nessa época do ano, nós estamos na primavera. As geleiras derretem.

- Mas você não acha que há gelo demais lá fora?

- Nossa rota é segura. – Jack se voltou para o telégrafo. – Aliás, é a mais segura do Atlântico Norte. Agora deixe de bobagens e vamos trabalhar!